



***O TER, AMAR E SER NA QUALIDADE DE VIDA DE CATADORES DE  
MATERIAIS RECICLÁVEIS***

***HAVING, LOVING AND BEING IN THE QUALITY OF LIFE OF  
COLLECTORS OF RECYCLABLE MATERIALS***

Adilson Francelino Alves<sup>1</sup>

Carlos Laercio Wrasse<sup>2</sup>

Dirceu Basso<sup>3</sup>

Neron Alipio Cortes Berghauer<sup>4</sup>

Sandra Maria Coltre<sup>5</sup>

**Resumo:**

As cooperativas de agentes ambientais buscam gerar renda para pessoas excluídas do mercado de trabalho e que, muitas vezes, vivem à margem da sociedade. A avaliação dos indicadores de qualidade de vida pode auxiliar a compreender melhor as condições sociais, econômicas e ambientais destes trabalhadores. O estudo investigou a qualidade de vida destes agentes sob a ótica de Nussbaum e Sen (1995) do ser, o ter e o amar. O estudo foi exploratório com corte transversal novembro de 2017 a março de 2018, sem considerar a evolução dos dados no tempo. Os dados de fonte primárias, opiniões, foram coletados por meio de um questionário com escalas variadas e dos dados secundários, registrados, em bibliográfica científica e registros da cooperativa. A população pesquisada foram 84 agentes ambientais. Os dados foram tratados por estatística simples e análise de conteúdo. Os resultados apontaram que a qualidade de vida nas três dimensões avaliadas Ter, Ser e Amar; todos apresentam fracos resultados e evidenciam a necessidade de capacitar os agentes no processo de gestão da cooperativa para melhorar as condições ambientais, econômicas e sociais dos agentes envolvidos.

**Palavras-chave:** Cooperativa; Agentes ambientais; Qualidade de vida; Indicadores.

<sup>1</sup> Sociólogo, doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor Associado da UNIOESTE – Francisco Beltrão, membro do Grupo de Estudos Territoriais (GETERR) e pesquisador do Instituto de Pesquisa Risco e Sustentabilidade (IRIS), docente do PPGDRS mestrado/doutorado e orientador PIBIC. E-mail: adilsonfalves@gmail.com.

<sup>2</sup> Administrador, Mestre em Administração pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste, câmpus Marechal Cândido Rondon. E-mail carloslaercio wrasse@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Desenvolvimento Rural, docente da Universidade Federal da Integração Latina Americana (UNILA) com atuação no Curso de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar. Professor no Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento da Unila. Professor do PPGDRS da UNIOESTE, mestrado e doutorado, sob convênio 02-AC/2016 entre a UNILA e UNIOESTE. Correio eletrônico: dirceu.basso@unila.edu.br.

<sup>4</sup> Administrador, Mestre em Engenharia de Produção pela UFSC. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste, câmpus Marechal Cândido Rondon. E-mail: neronalipio@gmail.com.

<sup>5</sup> Administradora, Mestre em Administração pela UFPR, Doutora em Engenharia de Produção pela UFSC. Professora da Unioeste, câmpus Foz do Iguaçu. Docente do PPGDRS - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste, câmpus Marechal Cândido Rondon. E-mail: sandracutu1@gmail.com.





**Abstract:**

Cooperatives of environmental agents seek to generate income for people excluded from the labor market and who often live on the margins of society. The evaluation of quality of life indicators can help to better understand the social, economic and environmental conditions of these workers. The study investigated the quality of life of these agents from the perspective of Nussbaum and Sen (1995) of being, having and loving. The study was exploratory with a cross-section between November 2017 and March 2018, without considering the evolution of data over time. The primary source data, opinions, were collected through a questionnaire with varied scales and the secondary data, registered, in scientific bibliography and records of the cooperative. The surveyed population was 84 environmental agents. The data were treated by simple statistics and content analysis. The results showed that the quality of life in the three dimensions evaluated Ter, Ser e Amar; all present poor results and show the need to train agents in the cooperative management process to improve the environmental, economic and social conditions of the agents involved.

**Keywords:** Cooperative; Environmental agents; Quality of life; Indicators.

## 1 Introdução

Crescimento e desenvolvimento humano; uma falsa dicotomia que reflete a grande preocupação do homem contemporâneo. Na trajetória de sua existência, o homem conseguiu deixar tantas e tão fortes marcas, tais como o desenvolvimento tecnológico e a destruição da natureza por todo o planeta que provavelmente ficarão visíveis por séculos. Diante de um crescimento populacional e do esgotamento dos recursos naturais, o homem se obriga a repensar seus hábitos de consumo de alimentos, bem como de todo seu estilo de vida. Grandes consumos geram grandes volumes de resíduos, e surge então, na sociedade, de forma incipiente, uma inquietação pela destinação destes subprodutos, tornando-se posteriormente uma proposta lucrativa para um modelo de negócios: a reciclagem. Entretanto, por se tratar de atividade de baixa viabilidade monetária e alto esforço físico, a coleta e separação de produtos recicláveis (ou resíduos sólidos urbanos), se apropria de trabalhadores de baixa formação profissional, beirando, em casos, a marginalidade realidade comprovada também por Ramos (2012), Lutinski *et al* (2017), Castilhos Junior *et al* (2013) e Guerra *et al* (2018).

Com base nas dificuldades apresentadas, também descritas por Ramos (2012) relativas ao trabalho do agente ambiental, uma alternativa prática e que pode melhorar as suas condições de vida é o associativismo ou o cooperativismo. Unindo forças para se tornar mais forte; pode ser o *slogan* que expressa o desejo desses trabalhadores ao constituírem formalmente uma organização para comercializar e auferir renda para todos. Entretanto, além da preocupação com resultados financeiros, os objetivos de sobrevivência precisam relacionar-se a outros aspectos. O conceito de qualidade de vida, por exemplo, representa uma preocupação com o bem-estar do ser humano; uma abordagem mais ampla que pode refletir melhor o entendimento de viver em sociedade.





Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com agentes ambientais participantes de uma cooperativa, localizada na região Oeste do Paraná, sob o ponto de vista da qualidade de vida pelo viés da metodologia proposta por Nussbaum e Sen (1995). A ideia dos autores é de que o indicador de qualidade de vida centra-se em variáveis que interferem no cotidiano das pessoas e que lhes podem garantir melhores condições de plena sobrevivência.

Os principais objetivos das cooperativas desenvolvidas nestes moldes, são de gerar trabalho, renda e melhores condições de vida a uma parcela da população excluída, seguido pelas questões ambientais e de preservação do meio ambiente. A cooperativa em estudo reúne homens e mulheres que dependem da atividade para ter supridas as necessidades básicas.

A proposta norteadora deste estudo foi de que os aspectos como uso incipiente de tecnologia, os baixos índices de escolaridade, exposição a fatores de risco de saúde física e mental, longas jornadas de trabalho diário e os baixos rendimentos financeiros obtidos no trabalho de coleta de resíduos podem implicar na qualidade de vida dos atores estudados.

Em vista destes argumentos o estudo buscou responder a seguinte questão: Como está a qualidade de vida dos agentes ambientais de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis?

## 2 Revisão da Literatura

### 2.1 Sociologia e Princípios da Cooperação

Conforme afirma Mladenatz (2003), a cooperação é característica do comportamento humano, e ocorre por toda a evolução do homem no planeta. A união de pessoas para resolver uma determinada situação em que haja interesses, desejos ou necessidades comuns, parece ter sido adotada pelo ser humano desde a sua criação.

A tendência de se unir para enfrentar obstáculos ou alcançar objetivos comuns, acompanha a própria evolução humana, como explicam Klaes (2005) e Almeida (2008), ao ilustrar situações desde a Idade Antiga até a atualidade. Para obter mais força e respeito, o homem soma esforços que precisam ser organizados por uma liderança; unidos são mais fortes e podem compartilhar os resultados de forma mais justa.

Em uma análise sobre o conceito de cooperativa, Chayanov (2017) descreve duas concepções distintas, mas complementares. A primeira, confere à instituição uma natureza formal e organizacional, na qual o objetivo é o capital, alcançado por meio da operacionalização das suas atividades-fim; neste caso, o autor esclarece que se trata de uma forma de ver a instituição sob foco em aumentar a renda gerada com o trabalho ou diminuir os gastos dos membros constituintes, usando uma gestão econômica coletiva. Na segunda concepção, Chayanov esclarece que se trata da união voluntária de pessoas que buscam uma forma de crescer enquanto produtores e que lutam contra a exploração por parte do capital





distribuindo benefícios econômicos e compartilhando resultados. Imerso nesta suposta dicotomia de propostas, para melhor entender a cooperativa, Chayanov (2017, p.53) sugere a concepção de “movimentos cooperativos” pela grande variedade de formatos que esta instituição pode adquirir sob ponto de vista ideológico, e de um “empreendimento cooperativo”, porque sob seu aspecto organizacional, a estrutura formalizada pouco ou nada varia.

Reisdorfer (2014) distingue associação de empresa cooperativa. A primeira é constituída pelas pessoas, com seus sonhos, interesses e necessidades, utopias e vontades; por empresa cooperativa, o autor define a forma jurídica para a operacionalização e estruturação dos mecanismos que realizam os objetivos que as motivaram a se associarem.

Diante do crescimento da industrialização, a partir do século XVIII, ocorrem transformações na sociedade, que sente os efeitos do capitalismo moderno. Dentre estes impactos está o surgimento da comunidade proletária, cujo principal (e único) recurso era a própria força de trabalho. Este cenário socioeconômico torna-se permissivo à criação de organizações de cooperação em que interesses ou necessidades eram mais bem atendidos pela concentração dos esforços de seus componentes (KLAES, 2005).

Almeida (2008) comenta que o capitalismo consegue melhorar a organização econômica e cultural da sociedade da época, por meio da aplicação de métodos racionais de direção das empresas. Entretanto, logo se percebe que melhoria da eficiência na produção não é sinônimo de vantagens igualitárias. Almeida (2008, p. 17) ilustra a situação:

E, por outro lado, a livre concorrência devia trazer harmonia entre as necessidades de consumo e a produção de bens econômicos. Mas a evolução dos acontecimentos não confirmou as profecias otimistas dos adeptos do individualismo e do liberalismo econômico. Assim nasceram os problemas sociais dos tempos modernos: problema do proletariado industrial em sua luta contra patrões capitalistas; problema dos pequenos artesãos independentes e dos pequenos comerciantes em sua luta contra as grandes empresas capitalistas, industriais e comerciais; problema da pequena propriedade rural, do proletariado rural, entre outros.

Apesar das cooperativas não terem sido concebidas nesse período, Reisdorfer (2014) afirma que foi a partir da Revolução Industrial que elas se expandem pela Europa e América do Norte, e têm ampliado seus focos de atividades. Inicialmente criadas por pequenos produtores, artesãos, pescadores ou criadores, as cooperativas passam a atender interesses de outras coletividades, tais como serviços, crédito financeiro, industrial, de consumo e outras modalidades.

Descrito como uma forma utópica realista, por Namorado (2005), o fenômeno cooperativo, surge enquanto um caminho possível para amenizar problemas de desigualdades sociais e econômicas gerados com o crescimento do capitalismo. Ao descrever a história do cooperativismo, o autor discute a identidade cooperativa ao longo de sua evolução bem como o papel dos princípios tais como foram criados em Rochdale (1844) e a sua adaptação para o atual cenário social e econômico.





A união de pessoas com carências comuns representa um fator que pode justificar o surgimento do fenômeno do cooperativismo. Mladenatz (2003) e Namorado (2005) comentam que existem várias razões práticas que justificam a cooperatividade, mas todas estão relacionadas com superar diferenças em prol de objetivos comuns. Santos (2005) lembra que enquanto prática econômica, esta união ocorre inspirada em valores como autonomia, participação, solidariedade e igualdade.

Segundo a OCB (2019), no Brasil, as mais de 6800 cooperativas e as filiadas operam em 13 ramos de atividades econômicas e buscam atingir seus objetivos trabalhando em todos os setores da economia nacional. Voltada para o cooperativismo solidário, a Unicopas (2019), por sua vez, concentra mais de 2800 cooperativas; criada em 2014, durante o I Encontro Inter Organizacional do Cooperativismo Solidário, esta reúne as quatro grandes organizações nacionais do cooperativismo – Unisol Brasil, Unicafe, Concrab e Unicatadores – com o objetivo de atuar pela concepção do cooperativismo solidário no Brasil.

É importante destacar que existe um número expressivo de cooperativas que não se encontram nem ligadas a OCB e nem a Unicopas, como é o caso da instituição estudada. Isto demonstra a importância de um censo cooperativo no Brasil para melhor poder construir políticas públicas de apoio ao segmento cooperativo. Se, por um lado vê-se o discurso de que a união das pessoas para fazer mais, por outro aspecto em determinados casos as cooperativas acabam encontrando dificuldades em se unir para poderem lutar com mais força.

Imersa em um cenário de muita injustiça social e econômica, setores da população brasileira também buscam alternativas para melhorar suas condições de vida. Dentre as categorias sociais de menor poder econômico, e diante do crescimento da preocupação ecológica que passou a valorizar parte dos resíduos sólidos urbanos recicláveis, viu-se, nas últimas décadas, a criação de cooperativas formadas por agentes ecológicos, ou catadores de lixo ou, ainda, agentes ambientais. Estas instituições, normalmente agrupadas no ramo de cooperativas ou associações de trabalho, representam, em sua essência, a gênese do movimento cooperativista, visto a simplicidade da sua estrutura e foco de atuação.

Grimberg (2007) comenta que por uma iniciativa da UNICEF juntamente a atores diversos da sociedade, construiu-se o paradigma da gestão de resíduos, baseado na participação social como alternativa para complementação de renda. Para tanto, a cooperativa surge como modelo ideal de negócios, por apresentar características que melhor se adaptavam à realidade da atividade. A autora descreve a criação do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, em 1999, como um marco neste processo.

Para Polônio (1999) as cooperativas que coletam e comercializam materiais recicláveis representam uma oportunidade para diminuir os problemas da desigualdade social, pois gera renda para pessoas de baixa qualificação, que tradicionalmente tornam-se excluídas do mercado de trabalho. Neste tipo de instituição, cuja simplicidade de estrutura organizacional é marcante, Bulgarelli (1998) salienta que os cooperados são os próprios trabalhadores, inexistindo praticamente a figura do empregado. Neste caso, há a necessidade de eles aprenderem a trabalhar em equipe, pelo bem coletivo. Vencer as dificuldades de





trabalhar coletivamente é um grande desafio para este tipo de cooperado que sempre teve no seu esforço individual a base para sua sobrevivência. Passar a confiar nos demais parceiros, é um obstáculo difícil de ser superado, mas extremamente necessário.

Meinen e Port (2014) retratam que, por ser uma atividade cuja abrangência é mundial, o cooperativismo, para funcionar em sua essência, estabeleceu-se orientado por princípios. E desde a criação da cooperativa de consumo em Rochdale (Inglaterra) em 1844 até os dias atuais, os princípios do cooperativismo passaram por algumas mudanças, mais propriamente nos anos de 1937, 1966 e 1995 (em vigência). Estas alterações, ocorreram por conta de transformações sociais e diferentes configurações de cooperativas que surgiram desde então. A ACI (Aliança Cooperativa Internacional), fundada em 1895, é a entidade mundial que propõe tais mudanças.

Conforme a OCB (2003), em 1955 a assembleia geral da ACI definiu os princípios para o cooperativismo: 1) Adesão Livre e Voluntária; 2) Gestão Democrática; 3) Participação Econômica; 4) Autonomia e Independência; 5) Educação, Formação e Informação; 6) Interação; 7) Compromisso com a Comunidade. De acordo com Meinen e Port (2014, p. 54):

Esse conjunto de elementos doutrinários, por invocarem pureza e justiça em seus mais amplos significados, eleva o movimento cooperativo em conceito e o legitima como referência organizacional ao redor do mundo. Todavia, não basta que os valores e os princípios sejam puros e justos. É preciso que a pureza e a justiça estejam nos corações e nas mentes das pessoas que fazem o dia a dia do cooperativismo, pois a ausência da prática equivale ao desprezo da teoria e, por extensão, do próprio movimento.

Comparando estes pressupostos com os estabelecidos em Rochdale, percebe-se sutis, mas importantes alterações, por meio das quais se procurou disseminar valores universais, puros e justos.

## 2.2 Qualidade de Vida

Qualidade de vida é um constructo que depende de vivências e processos mentais, caracterizado como a relação entre o bem-estar físico, mental, saúde, relações ambientais, familiares e de trabalho, dentre outros. Para Nussbaum e Sen (1995), a maioria dos dilemas enfrentados pela sociedade não é causada por um destino implacável ou necessidades incontrolláveis; ela é causada pela má organização humana. Os autores afirmam que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um apontador bruto, e o que realmente interessa é a informação detalhada que ela dá a respeito das vidas humanas. Para Sen (1999), o equilíbrio seria almejar uma mistura de expectativa de vida no nascimento, educação básica,





escolaridade e um índice de renda. Esses fatores ajudam a chegar a outros, como moradia e vestuário.

Os seres humanos possuem uma característica fundamental e incessante que é o desejo de viver bem, obter novas conquistas e superar adversidades. A qualidade de vida possui, por meio da análise histórica social, relação direta com elementos subjetivos (que são geradores do bem-estar) e objetivos (bens materiais, por exemplo), que são aspectos fundamentais para a manutenção da raça humana. Nesse contexto, inúmeros países criaram indicadores para quantificar e qualificar os seus dados sociais, podendo realizar ações sociais e/ou verificar a funcionalidade dos já existentes. Além disso, a busca por uma definição sobre qualidade de vida simplesmente marcada por indicadores quantitativos pré-estabelecidos – renda, grau de instrução ou condições de moradia – apresenta-se insuficiente, pois não revela dados referentes aos sentimentos, julgamentos e valores que cada um dos indivíduos possui em sua vida (MOREIRA e ARAUJO, 2006).

Na década de 1970 surgiram instituições que passaram a realizar estudos utilizando indicadores sociais e de qualidade de vida. Dentre eles destacam-se a Organização das Nações Unidas (ONU), a Comunidade Econômica Europeia (CEE) e o Instituto Interamericano de Estatísticas (ESTUDOIS). Apesar dos esforços dos organismos citados, a Escandinávia serviu de inspiração para os estudiosos (SANTAGADA, 2007). O modelo escandinavo é conhecido por sua abordagem abrangente e universal para o bem-estar de seus cidadãos, sendo visto como um modelo que os protege do nascimento até a morte (ABRAHAMSON, 2012).

Herculano, Porto e Freitas (2000) enfatizam que o sistema escandinavo se utiliza dos verbos “ter, amar e ser” como indicadores sociais. Os autores descrevem o verbo “ter” como a parte material do indivíduo, aquilo que é necessário para a sobrevivência; o “amar” é interpretado como a união com outras pessoas, seja por amigos ou relacionamentos; e o “ser” reflete a avaliação da participação desse indivíduo em sua sociedade.

Sen (1999, p. 104) afirma que para avaliar a qualidade de vida os bens primários que as pessoas possuem não devem ser o único fator. Deve-se considerar também as “características pessoais relevantes que governam a conversão de bens primários na capacidade da pessoa promover seus objetivos e obter suas conquistas”.

O entendimento que o indivíduo tem sobre o significado de qualidade de vida é caracterizado de acordo com padrões pré-estabelecidos e dependem de fatores como a sua inserção em determinado grupo, classe social e estão ainda intimamente relacionados à época histórica e ao grau de desenvolvimento da sociedade como um todo. A questão que se aprofunda quando se analisa é que as palavras bem-estar e felicidade estão cada vez mais relacionadas pela sociedade com a via do consumo. A mídia contribui para a criação de necessidades materiais, que muitas vezes suprem o indivíduo para que se tenha felicidade e se sinta bem. Crocker (1993, p.107), afirma que “[...] as pessoas sequer podem ser, para não falar em ter bem-estar ou uma boa vida, se não dispõem de certos bens”.

Sen e Nussbaum (1995) propõem o uso de indicadores (objetivos e subjetivos) como um meio pelo qual é possível avaliar a qualidade de vida (Quadro 1).





**Quadro 1:** Indicadores de Qualidade de Vida na visão de Nussbaum e Sen

Dimensões	Indicadores objetivos	Indicadores subjetivos
<b>Ter</b> - condições materiais	Medidas objetivas do nível das condições ambientais e de vida	Sentimentos subjetivos de satisfação/insatisfação com tais condições
<b>Amar</b> - necessidades sociais	Medidas objetivas de relações interpessoais	Felicidade-infelicidade - sentimentos subjetivos sobre as relações sociais
<b>Ser</b> - necessidades de crescimento pessoal	Medidas objetivas da relação das pessoas com a sociedade e com a natureza	Sentimentos subjetivos de alienação/crescimento pessoal

Fonte: Nussbaum e Sen (1995).

Campanha (1997) afirma que apesar dos muitos estudos realizados, para a maioria, o termo qualidade supõe a superação limitada a uma avaliação quantitativa do desenvolvimento. Neste sentido, os indicadores propostos por Nussbaum e Sen (1995) vão além, visto que avaliam também questões sociais e de necessidades pessoais.

### 2.3 Catadores de Materiais Recicláveis – Agentes Ambientais

As questões relacionadas aos agentes ambientais estão, gradativamente, tendo mais repercussão, principalmente em função das políticas públicas e do incentivo aos programas de coleta seletiva. Em 2002 os agentes tiveram sua profissão regulamentada pela lei da Política Nacional dos Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305), que insere os agentes como responsáveis pela coleta seletiva nos municípios.

Os agentes realizam o trabalho de coleta dos resíduos com o auxílio de caminhões ou outros meios mais simples de transporte, passando então aos processos de separação e prensagem no barracão cedido pela prefeitura do município. Salienta-se que as atividades realizadas por este tipo de cooperativa, em sua maioria, são prejudiciais aos trabalhadores que ficam expostos ao ambiente insalubre e de pouco conforto ergonômico, comprovados também por Ramos (2012), Lutinski *et al* (2017) e Guerra *et al* (2018).

Gonçalves (2003) e Ramos (2012) comentam que outros fatores relevantes nesta análise são, a informalidade, remuneração baixa, falta de equipamentos de proteção e direitos trabalhistas. No ambiente externo à cooperativa, os agentes enfrentam ainda outras situações como preconceito social, falta de condições para ter acesso à educação formal e a programas de treinamento e qualificação.

Os agentes ambientais se organizam por meio de associações ou cooperativas e, normalmente, estão ligados a prefeituras e Organizações não Governamentais (ONGs) que prestam trabalho de apoio, especialmente na gestão dos empreendimentos.



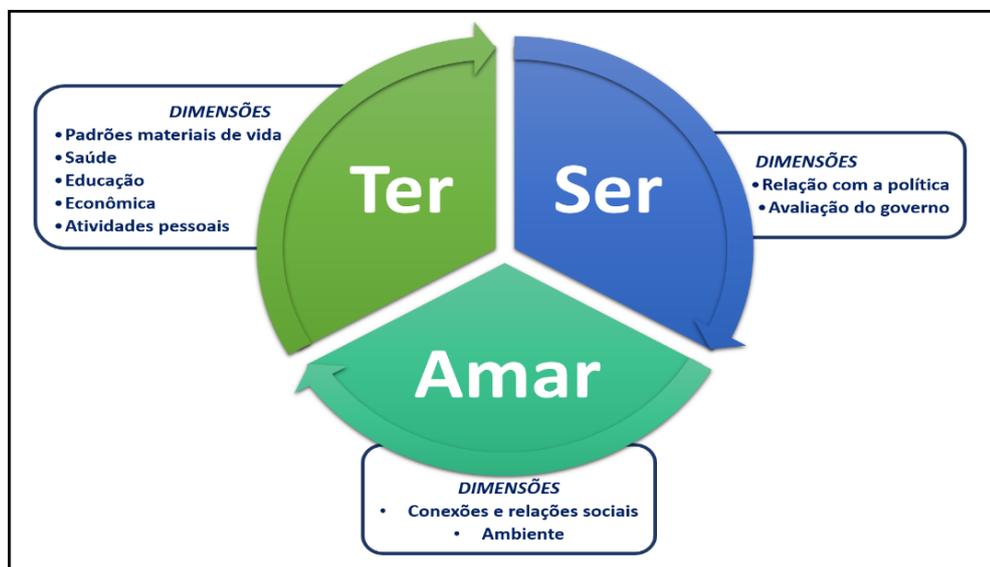
A análise da qualidade de vida dos agentes ambientais, levando em conta o trabalho, questões sociais e riscos a que estão submetidos, pode auxiliar no desenvolvimento de ações que possam minimizar os impactos negativos da atividade, oferecendo ambiente salubre que favoreça a saúde e o bem-estar dos trabalhadores.

### 3 Material e Métodos

Este estudo foi de cunho exploratório, que, segundo Richardson *et al* (2007), implica em conhecer de forma mais ampla um assunto para poder propor ações de melhorias e ampliar futuras pesquisas de aprofundamento. O corte foi transversal no período de novembro de 2017 a março de 2018 considerando a evolução dos dados no tempo. Os dados de fonte primária, de opinião, foram coletados pela primeira vez, por meio de uma entrevista estruturada. Os dados secundários, já registrados, foram levantados em bibliografia científica e registros da cooperativa.

A população pesquisada constitui-se de todos os 82 agentes ambientais da cooperativa e a Presidente e o Vice-Presidente, totalizando 84 participantes. O instrumento de coleta de dados foi um questionário baseado em Nussbaum e Sen (1995) com 15 questões de escalas e 5 com respostas abertas.

**Figura 01:** Dimensões propostas para os indicadores de qualidade de vida dos agentes ambientais



Fonte: Adaptado de Nussbaum e Sen (1995)



Os dados foram tratados por estatística simples para as questões fechadas e por análise de conteúdo para as questões abertas.

#### 4 Resultados e Discussão

Segundo informações da Presidente, a cooperativa foi fundada em 2003, então com 55 pessoas, e é constituída pelos membros diretores (que também são catadores) e os demais agentes ambientais. Há entre eles um acordo informal de que os valores das vendas devam ser divididos proporcionalmente aos dias trabalhados por pessoa. As vendas dos produtos são feitas para empresas intermediárias que redirecionam para indústrias de reprocessamento de papel, metais (principalmente o alumínio), plástico e outros resíduos com possibilidade de reciclagem.

Como os custos operacionais (energia elétrica, água, transporte dos catadores e caminhões de transporte, inclusive motoristas) são cobertos pela prefeitura municipal, a renda mensal por catador torna-se resultado da venda dos resíduos processados pelo grupo divididos pelo número de catadores. Para este cálculo também se considera a frequência de cada catador, pois ocorrem faltas que precisam ser monitoradas para garantir uma justa divisão de valores. Ao final de cada quinzena, após receberem os valores das vendas dos resíduos, os diretores da cooperativa realizam os cálculos e pagam cada agente conforme seu esforço de trabalho, e estes recolhem os valores de INSS como trabalhadores autônomos.

Dos 84 questionários, 100% retornaram. Para a avaliação do padrão material de vida, buscou-se dois indicadores específicos, sendo que em ambos os casos fica evidenciada a necessidade de melhoria (Tabela 1). Em relação ao rendimento das famílias, somente 1,22% dos entrevistados declarou que o valor permite viver confortavelmente.

Salienta-se, que o valor médio recebido pelos agentes na época da pesquisa correspondia a aproximadamente 80% do salário mínimo vigente e que, em sua maioria, os associados não atendem aos requisitos mínimos necessários para ter acesso aos programas de auxílio do Governo Federal.

Dos pesquisados, 13,41% afirmam que possuem casa própria; os demais residem em áreas de ocupação, alugadas, cedidas ou de outros familiares e que não apresentam condições adequadas de saneamento e segurança, normalmente próximas a rios ou riachos.





**Tabela 1:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão **Ter:** Padrões materiais de vida

Dimensão	Indicador	Variáveis	%	
I – Padrões materiais de vida (rendimento, consumo e riqueza)	Rendimento da família	subjetivo	É muito difícil viver com o rendimento atual	79,27
			É difícil viver com o rendimento atual	13,41
		objetivo	O rendimento atual dá para viver	6,10
			O rendimento atual permite viver confortavelmente	1,22
	Habitação		Casa alugada	40,24
			Casa própria (invasão)	25,61
			Casa própria (com registro)	13,41
			Mora com familiares	17,07
			Imóvel cedido sem custo	3,66

Fonte: Dados da Pesquisa.

**Tabela 2:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão **Ter:** Saúde.

Dimensão	Indicador	Variáveis	%
II – Saúde	Avaliação subjetiva do estado de saúde	Muito ruim	18,29
		Ruim	14,63
		Razoável	35,37
		Boa	19,51
		Muito boa	12,20

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os dados relativos à percepção dos agentes quanto à própria saúde podem ser vistos na Tabela 2, demonstrando que, dos pesquisados, somente 2,44% declararam que fazem consultas e exames periódicos pelo fato de que possuem problemas de saúde que podem vir a dificultar o trabalho junto a cooperativa. Este percentual está aquém dos 18,29% que declaram possuir saúde ruim pelo fato de que os demais não realizarem qualquer tipo de acompanhamento médico e que procuram atendimento somente quando estão muito debilitados.

Os agentes ambientais recebem da prefeitura municipal, equipamentos de proteção individual, entretanto, conforme levantado junto a eles próprios, existe uma resistência quanto à sua utilização. É comum acidentes com objetos cortantes que são misturados ao material reciclável recolhido. É necessário que, por meio da Cooperativa, sejam realizados cursos de incentivo e capacitação quanto a correta forma de utilização. Deve-se ainda conscientizar os agentes sobre a importância de seu uso.

Um dos aspectos que caracteriza associações similares à estudada está no limitado nível de escolaridade dos participantes. Como visto na Tabela 3, todos os pesquisados se declaram alfabetizados, porém 53,66% afirma possuir no máximo até 4 anos de estudo.





Destaca-se, entretanto, o fato de dois agentes ambientais terem concluído o Ensino Médio e estarem cursando o Ensino Superior.

**Tabela 3:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão **Ter:** Educação

Dimensões	Indicadores	Variáveis	%
III – Educação	Escolaridade	Até 04 anos de escolaridade	53,66
		De 05 a 09 anos de escolaridade	43,90
		De 10 a 12 anos de escolaridade	2,44
		> 12 anos de escolaridade	0

Fonte: Dados da Pesquisa.

O baixo nível de escolaridade e a falta de qualificação gera impacto na gestão da cooperativa e faz com que os agentes precisem procurar apoio da Prefeitura Municipal para a tomada de decisões, mesmo tendo a diretoria composta somente por pessoas que realizam os trabalhos de catação, separação e prensagem dos materiais recicláveis.

Os critérios utilizados para avaliar as condições econômicas, relacionado com a dimensão Ter (Tabela 4) destacam a grande preocupação com o baixo valor recebido pelos agentes ao final do período de trabalho.

De acordo com a Presidente da cooperativa, os associados são remunerados quinzenalmente e a divisão é realizada proporcionalmente ao número de dias que cada um trabalhou no período, não havendo distinção em relação a produtividade ou atividade desempenhada.

**Tabela 4:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão **Ter:** Econômica

Dimensões	Indicadores	Variáveis	%
IV – Econômica	Preocupação com a possibilidade de ficar desempregado	Nada preocupado	1,22
		Pouco preocupado	7,32
		Preocupado	28,05
		Muito preocupado	63,41
	Preocupação com a possibilidade de ter que reduzir o tempo de trabalho	Nada preocupado	12,20
		Pouco preocupado	17,07
		Preocupado	39,02
		Muito preocupado	31,71
	Preocupação com o dinheiro ser insuficiente	Nada preocupado	0
		Pouco preocupado	1,22
		Preocupado	3,66
		Muito preocupado	95,12

Fonte: Dados da Pesquisa.

Conforme afirma a presidente da cooperativa, a preocupação em relação a redução do tempo de trabalho e possibilidade de desemprego está associada ao temor de que as pessoas





deixem de separar o material reciclável em suas residências ou de que a prefeitura venha a abandonar suas políticas de apoio ao trabalho que realizam.

Estes fatos poderiam criar um grande risco de funcionamento da instituição, impondo aos membros a opção por trabalho individual, sem as condições que conquistaram até o momento.

Mesmo com limitações ou dificuldades para realizar as atividades, aspecto comentado por 17,07% dos pesquisados, estes necessitam continuar trabalhando para auxiliar no sustento da família (Tabela 5). Existem ainda agentes que exercem outras atividades remuneradas, principalmente na construção civil e trabalho doméstico. A dificuldade em mudar a realidade vivida pelos agentes reside ainda no baixo índice de pessoas que estão estudando, que corresponde a 8,54% o que lhes confere baixo potencial de empregabilidade.

Após interpretação das respostas dos atores da cooperativa, pode-se levantar que os dados apontam que na dimensão Ter, na proposta de Nusbaum e Sen (1995), em todos seus aspectos, a qualidade de vida apresentam grande precariedade.

**Tabela 5:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão **Ter**: Atividades pessoais

Di mensões	Indicadores	Variáveis	%
V – Atividades pessoais, incluindo o trabalho	Ocupação	Trabalho pago	19,51
		Estudar	8,54
		Outra ocupação/serviço cívico, militar	0
		Desempregado	59,76
		Incapacidade/invalidez permanente	17,07
		Trabalho doméstico	19,51
	Trabalhou para um partido político, movimento cívico ou outro tipo de associação	Sim	9,76
		Não	90,24
	Condições físicas de trabalho	Ruim	63,41
		Bom	32,93
		Muito bom	3,66
		Excelente	0

Fonte: Dados da Pesquisa.

Conforme levantado na pesquisa, a cooperativa foi criada com o objetivo de dar legalidade aos processos de comercialização dos materiais processados. Por meio dos contatos pessoais, percebeu-se que os agentes entrevistados demonstram estar comprometidos com a instituição, entretanto, quando perguntado se estes pertencem a algum tipo de associação, somente 9,76% responderam afirmativamente, ou seja, há uma carência do sentimento de pertencimento. A presidente da cooperativa apontou o alto índice de rotatividade como um fator que pode contribuir para isso.

De acordo com a presidente:





[...] muitas pessoas vêm pra cooperativa porque estão desempregadas e precisam arrumar dinheiro. Depois que conseguem elas somem. Tem ainda aqueles que ficam aqui até conseguir coisa melhor. Ninguém tem obrigação de ficar aqui e não precisa cumprir horário. A gente faz o controle dos dias que as pessoas vêm pro trabalho. Nós pagamos um carnê pra poder aposentar. Mas eles não entendem isso e a maioria é contra.

A presidente destaca ainda que as dificuldades encontradas no ambiente de trabalho relacionam-se, principalmente, pela falta de hábito em usar os EPIs (equipamentos de proteção individual) disponíveis e pelas condições ergonômicas inerentes à postura física para a realização das atividades diárias, que ocorrem, obrigatoriamente, com a pessoal posicionado fixamente e em pé, por longos períodos de tempo.

Criar condições favoráveis ao desempenho das atividades é obrigação da cooperativa. É possível buscar parcerias junto às instituições de ensino para conscientização, capacitação e treinamento dos agentes ambientais para que possam desempenhar melhor as atividades diárias, inclusive na gestão do empreendimento.

**Tabela 6:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão Ser: Relação com a política

	Pergunta	Alternativa	Frequência
Relação com a Política	Votou nas últimas eleições	Sim	57,32
		Não	41,46
		Não estava apto para votar	1,22
	Tem simpatia por um partido político	Sim	75,61
		Não	24,39
	É filiado a um partido político	Sim	1,22
		Não	98,78
	Interesse pela política	Nenhum	84,15
		Pouco	13,41
		Algum	2,44
		Muito interesse	0
	Acha a política complicada	Nunca	0
		Raramente	0
		Algumas vezes	6,10
		Muitas vezes	20,73
Frequentemente		73,17	
Facilidade em tomar decisões políticas	É muito difícil	68,29	
	É difícil	25,61	
	Nem é difícil nem é fácil	6,10	
	É fácil	0	
	É muito fácil	0	

Fonte: Dados da Pesquisa.





A pesquisa demonstrou que a participação na área da política é praticamente nula, restringindo-se a 57,32% que votaram nas últimas eleições e 1,22% que declarou ser filiado a algum partido político (Tabela 6). Percebe-se ainda alto índice de desinteresse e falta de confiança em relação à política brasileira. O secretário da Cooperativa expôs o principal argumento apresentado pelos agentes:

Os candidatos aparecem aqui só quando tem eleição. Prometem um monte de coisa pra gente. Que vão melhorar nossa saúde. Melhorar as condições do nosso barracão, construir um vestiário. Aqui só tem um banheiro e não tem lugar pra gente se trocar e a gente se suja muito quando tá separando e daí tem que ir pra casa do jeito que tá. A cozinha também precisa melhorar. Mas fica sempre só na promessa.

Como pode ser visto na Tabela 7, o fraco envolvimento dos agentes para com a política pode ser reflexo da sua opinião acerca dos representantes do poder público, visto que 97,56% manifestaram-se insatisfeitos. A mesma opinião é demonstrada quanto à democracia, com 81,71% com a mesma visão; e quanto à economia, em que 100% dos pesquisados manifestaram desaprovação.

**Tabela 7:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão Ser: Avaliação do governo

	Pergunta	Alternativa	Frequência
Avaliação do Governo	Satisfação com o estado da economia	Insatisfeito	100,00
		Moderadamente satisfatório	0
		Satisfeito	0
	Satisfação com o governo	Insatisfeito	97,56
		Moderadamente satisfatório	2,44
		Satisfeito	0
	Satisfação com a democracia	Insatisfeito	81,71
		Moderadamente satisfatório	14,63
		Satisfeito	3,66

Fonte: Dados da Pesquisa.

Dos agentes ambientais pesquisados, apenas 41,46% afirmaram conviver com familiares ou amigos várias vezes por semana. Uma pesquisada assim declarou: “[...] muitos de nós aqui temos pessoas da família que estão presos e a gente não consegue visitar sempre”. Por motivos diversos, familiares acabam praticando delitos e cumprem pena em diversas regiões do país, além disso, outros necessitam estender a jornada de trabalho para melhorar a renda da família, como pode ser visualizado na Tabela 8.

A pesquisa apontou ainda que a participação dos associados em atividades sociais é muito pequena e que, para a maioria deles, o relacionamento com outras pessoas está restrito





aos colegas que participam do processo de reciclagem de materiais no barracão da cooperativa ou com membros das respectivas comunidades religiosas. Para a dimensão, Ser (no modelo proposto por Nusbaum e Sen – 1995) os dados levantados indicam novamente que a qualidade de vida está precária nos aspectos pesquisados.

**Tabela 8:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão **Amar:** Conexões e relações sociais

	Pergunta	Alternativa	Frequência
VII – Conexões e Relações Sociais	Convívio com amigos, familiares ou colegas de trabalho	Nunca	0
		Menos de uma vez por mês	1,22
		Uma vez por mês	10,98
		Uma vez por semana	46,34
		Várias vezes por semana	41,46
		Todos os dias	0
	Tem alguém que pode conversar sobre assuntos íntimos e pessoais	Sim	34,15
		Não	65,85
	Participação em atividades sociais	Muito menos que outras pessoas	86,59
		Menos que outras pessoas	13,41
		O mesmo que os outros	0
		Mais que outras pessoas	0
		Muito mais que outras pessoas	0

Fonte: Dados da Pesquisa.

Segundo a dimensão Amar, no aspecto VIII - Ambiente, proposto por Nussbaum e Sen (1995), há a necessidade de se levantar a confiança que o pesquisado possui na ciência moderna para solucionar problemas ambientais. Para este quesito, as respostas não apresentaram fortes tendências, tanto para a confiança completa, quanto para a desconfiança (Tabela 9).

**Tabela 9:** Distribuição dos resultados da pesquisa para a Dimensão **Amar:** Ambiente

	Pergunta	Alternativa	Frequência
VIII – Ambiente (condições atuais e futuras)	Confia na ciência moderna para resolver os problemas ambientais	Não confia nada	7,32
		Não confia	24,39
		Não confia nem desconfia	29,27
		Confia	32,93
		Confia muito	6,10

Fonte: Dados da Pesquisa.

Na cooperativa, são realizadas somente atividades produtivas de menor complexidade, tais como separação e prensagem dos materiais que poderão ser reciclados pela indústria, sem grandes exigências tecnológicas por parte dos pesquisados. Trata-se de atividades rotineiras





realizadas pelos agentes ambientais que têm limitações para trabalhos mais técnicos. E, na dimensão, Amar, a qualidade de vida dos atores pesquisados também se demonstrou limitada, não atendendo a um mínimo esperado.

A partir das percepções deixadas pelos associados em suas respostas, procurou-se entender em qual das dimensões (Ser, Ter e Amar) propostas por Nussbaum e Sen (1995), essas respostas se enquadravam, e, ao final, identificou-se o princípio do cooperativismo (OCB, 2003) que mais se adequava àquela dimensão, tendo por base a própria interpretação da OCB (2003) para eles (Figura 2)

**Figura 2:** Qualidade de vida nas dimensões Ser, Ter e Amar

<p><b>Síntese da percepção levantada por meio das entrevistas realizadas com os associados da cooperativa estudada, distribuídos pelas dimensões da Qualidade de Vida.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ocupação informal ou semi-informal</li> <li>○ Não se veem unidos</li> <li>○ Pouco sentimento de pertencer</li> <li>○ Condições limitadas de trabalho</li> <li>○ Identidade política pouco definida</li> <li>○ Pouco interesse por política</li> <li>○ Insatisfeito com governo, economia e democracia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ É muito difícil viver com o rendimento atual</li> <li>○ Condições habitacionais limitadoras</li> <li>○ Saúde comprometida</li> <li>○ Escolaridade baixa</li> <li>○ Medo de desemprego</li> <li>○ Medo de não vir a ter</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Convívio regular com os grupos sociais</li> <li>○ Pouco diálogo interpessoal</li> <li>○ Limitada participação em atividades sociais</li> <li>○ Confiar pouco na ciência moderna</li> </ul>
	Dimensões da Qualidade de Vida		
PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO (ACI-1955)	<b>SER</b>	<b>TER</b>	<b>AMAR</b>
Livre acesso e adesão voluntária	X		
Controle, organização e gestão democrática	X		X
Participação econômica dos seus associados		X	
Autonomia e independência	X		
Educação, capacitação e informação		X	
Cooperação entre cooperativas (*)			
Compromisso com a comunidade			X
(*) Não se aplica, por tratar-se de uma cooperativa com característica individualizada e isolada das similares e mesmo do sistema cooperativo nacional.			

Fonte: Dados do estudo.

Pela representação da Figura 2, entende-se que há uma limitada correlação entre as respostas apresentadas pelos atores pesquisados (e agrupadas pelas dimensões da Qualidade de Vida) e os princípios cooperativistas propostos em Rochdale (livre acesso, adesão voluntária, gestão democrática, autonomia, educação, compromisso e intercooperação). Isto demonstra que uma instituição cooperativa precisa incentivar o fortalecimento dos laços entre os atores, se pretende manter sua sobrevivência. No caso da instituição estudada, estas relações têm se apresentado muito fracas, não sendo possível identificar grande compromisso, tanto entre os cooperados, quando entre estes e a cooperativa. A necessidade de sobrevivência faz apenas com que eles trabalhem juntos, sem se preocupar com os princípios que um dia edificaram uma instituição tão significativa quanto são as cooperativas.



Portanto em resposta a pergunta do estudo, os dados apontaram que a qualidade de vida nas dimensões Ser, Ter e Amar deixa muito a desejar devido as condições de vida, jornada de trabalho, ambiente de trabalho e dificuldades de gestão na instituição estudada.

## 5 Considerações Finais

A ideia inicial deste estudo foi de que aspectos tais como o uso incipiente de tecnologia, os baixos índices de escolaridade, a exposição a fatores de risco de saúde física e mental, longas jornadas de trabalho diário e os baixos rendimentos financeiros obtidos no trabalho de coleta de resíduos podem implicar na qualidade de vida dos atores estudados e que estes indicadores se alinham às dimensões do Ser, Ter e Amar propostos por Nusbaum e Sen (1995).

A fraca relação de identidade entre os agentes ambientais e a cooperativa, é devido ao pouco sentimento de pertencimento. As relações pessoais ocorrem de forma superficial, exceto nos casos relatados de parentes ou de amigos. Entretanto, apesar desta realidade levantada, percebe-se que há potenciais caminhos a serem percorridos e que podem gerar bons resultados.

A contribuição do estudo alertou aos envolvidos que há alternativas com o caso da Cooperativa de Agentes Ambientais de Santa Helena, como um exemplo em que o poder público, em parceria com a sociedade, conduziu políticas de apoio. Grisa *et al* (2019) citam que foi criada uma lei municipal que possibilitou o investimento em equipamentos, mas também no pagamento pelos serviços prestados de processamento dos resíduos gerados em todo o município. Com esta estratégia, foi possível resgatar a integridade dos catadores daquela cidade e melhorou consideravelmente a qualidade de vida de suas famílias.

No cooperativismo solidário, as conquistas não são somente financeiras, surgem as relações de amizade e sentimento de pertencimento. A cooperativa estudada possui parceria com a Prefeitura Municipal, que fornece o combustível para os caminhões, cede os motoristas para auxiliar na coleta e manutenção dos caminhões, sendo que os membros da cooperativa recolhem os materiais de porta em porta em todos os bairros da cidade.

Salienta-se ainda a necessidade de observar os princípios cooperativos, em especial o quinto que estabelece a necessidade de “educar, capacitar e informar” os membros das cooperativas para que possam contribuir de forma efetiva. Merece atenção especial ainda o sexto princípio que aborda a “intercooperação” como sendo uma forma de dar mais força ao cooperativismo, trabalhando em conjunto com estruturas locais e regionais.





### Referências

- ABRAHAMSON, Peter. O modelo escandinavo de proteção social. *In: Argumentum*, Vitória, v. 4, n. 1, 2012. p. 7-36. DOI: <https://doi.org/10.18315/argumentum.v4i1.3461>.
- ARANTES, Bruno Otávio; BORGES, Livia de Oliveira. **Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade**. Arq. bras. psicol. vol. 65 n°3. Rio de Janeiro, 2013.
- ALMEIDA, Andrei Roberto de. **A cooperativa como espaço organizacional: Um estudo sobre as características de Gestão de Pessoas em cooperativas de crédito**. 2008. 96f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, SC, 2008.
- BULGARELLI, Waldírio. **As sociedades cooperativas e a sua disciplina jurídica**. Rio de Janeiro: Renovar, 1998.
- CASTILHOS JUNIOR, Armando Borges. RAMOS, Naiara Francisca. ALVES, Clarissa Martins. FOCELLINI, Fernando Antônio. GRACIOLLI, Odacir Dionísio. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(11):3115-3124, 2013.
- CHAYANOV, Alexander. **A teoria das cooperativas camponesas**. Rev. e trad. Regina Vargas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.
- CROCKER, David. **Functioning and capability: the foundations of Sen's and Nussbaum's developmental ethics**. Lua Nova [online]. 1993, n.31, pp.99-134. ISSN 0102-6445. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451993000300006>.
- GUERRA, Divanilde. SANTOS, Claudete dos. BISOGNIN, Ramiro Pereira. Souza, Eduardo Lorensi de. VASCONCELOS, Márlon de Castro. Perfil socioeconômico de catadores de materiais recicláveis do município de Três Passos-RS. *Revista Extensão em Foco*, n° 15, Jan/Jul, p.56 - 70 (2018).
- GONÇALVES, Pólita. **A Reciclagem Integradora dos Aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos**. Rio de Janeiro, DP&A: Fase, 2003.





GRIMBERG, Elisabeth. **Coleta Seletiva com inclusão social: Fórum Lixo e Cidadania na Cidade de São Paulo. Experiência e desafios.** São Paulo: Instituto Pólis, 2007. (Publicações Pólis).

GRISA, Kleitson Temo. COTIVCA, Kátia Janaína Frichs. SIMONETTI, Mariana Grisa. BECKER, Marcio. BERGHAUSER, Neron Alípio Cortes. KOTZ, Jair. Lixo ou Dignidade? O Caso da Cooperativa de Catadores de Santa Helena – PR. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL*, 2., 2019. **Anais....** Foz do Iguaçu: Editora da UNIOESTE, 2019. ISBN: 978-85-68205-42-6.

HERCULANO, Selena C. PORTO, Marcelo Firpo de Souza. FREITAS, Carlos Machado de. **Qualidade de Vida e Riscos Ambientais.** Niterói: Editora da UFF, 2000.

KLAES, Luiz Salgado. **Cooperativismo e Ensino a Distância.** 2005. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, SC, 2005.

LUTINSKI, Junir Antonio. NEVES, Luana Melim. QUADROS, Suiane Oliveira de. BUSATO, Maria Assunta. FERRAS, Lucimare. Catadores de materiais recicláveis: perfil social e riscos à saúde associados ao trabalho. *HYGEIA. Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde.* Hygeia 13 (24): 162 - 174, Jun/2017.

MEINEN, Ênio; PORT, Márcio. **Cooperativismo Financeiro**, percurso histórico, perspectivas e desafios. Editora Confabras, Brasília, 2014.

MLADENATZ, Grosmolav. **História das Doutrinas Cooperativas.** Trad. José Carlos Castro; Maria da Graça Leal; Carlos Potiara Castro. Confabras: Brasília, DF. 2003.

MOREIRA, Ramon Luiz Braga. ARAUJO, Marcos Grousand de. **Os Sete Pilares da Qualidade de vida.** Leitura: Belo Horizonte. 2006.

NAMORADO, Rui. **Cooperativismo – um horizonte possível.** Coimbra: Centro de Estudos Sociais. 2005.

NUSSBAUM, Martha; SEN, Amartya. **The Quality of Life.** Clariton Paperbacks, 1995.

OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras. **Cooperativas e Cooperativismo: O que é e quais os caminhos – OCB.** Brasília, DF. 2019.

POLÔNIO, Wilson Alves. **Manual das cooperativas.** São Paulo: Atlas, 1999.





RAMOS, Naiara Francisca. **Levantamento do perfil de catadores de materiais recicláveis e de requisitos para subsidiar o desenvolvimento de veículo coletor e de sistema de apoio à definição dos roteiros de coleta.** 2012. 194f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2012.

REISDORFER, Vitor Kochhann. **Introdução ao Cooperativismo.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTAGADA, Salvatore. **Indicadores Sociais: Uma primeira abordagem social e histórica,** Pensamento Plural, Pelotas [01]: 113 - 142, julho/dezembro, 2007. Disponível em <<http://www.ufpel.edu.br/isp/ppgcs/pensamento-plural/edicoes/01/06.pdf>>, acessado em 12/jan/2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SEN, Amartya. **Development as Freedom.** Nova York: Anchor Books, 1999.

UNICOPAS, União Nacional das Organizações Cooperativistas Solidárias. **Cooperativismo e Economia Solidária. Reciclagem e Resíduos Sólidos.** UNICOPAS. Brasília, DF. 2019.

Recebido em 28/05/2020  
Aprovado em 22/06/2020



Volume 10, Número 3  
Julho - Dezembro  
2020



INDEXADORES E BASES BIBLIOGRÁFICAS:

